

BOLETIM INFORMATIVO

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Bol. Inform..	São Paulo	3ª Série	ANO XI - Nº 2	1985
---------------	-----------	----------	---------------	------

s de
mas:
ores
erva-
ográ-
e do
te-se
tori-

de que já foi alvo toda a nossa tradição cultural. Endeusá-lo é a nossa defesa, uma espécie de vingança — a exemplo do que, há mais de quatro séculos, vimos fazendo a Camões, outra vítima da tradição escamoteadora, mais preocupada com as estátuas em praça pública, as especulações eruditas, e a mesmice da eloquência retórica do que com o sentido humano e revelador da palavra poética. (Pessoa não repousa já, no Mosteiro dos Jerônimos, ao lado dos metafóricos restos mortais do Trinca-Fortes?)

Endeusar e mi(s)tificar, celebrar datas redondas — centenárias ou cinquentenárias — isso tudo parece não ir além do ritual mecanizado: nossa vingança e nossa defesa. Um ritual que traduz o nosso enraizado e secular amor à tradição. Exatamente por isso, é hábito nosso insurgirmo-nos contra ela, de tempos em tempos, através de retumbantes “tomadas de posição” progressitas, cujo resultado é fortalecer cada vez mais essa mesma tradição — jogo retórico por meio do qual exorcizamos nossos demônios. E quando nos deparamos com uma perspectiva realmente inovadora e revolucionária, como é a poesia de Pessoa, o que fazemos é . . . devorá-la, astúcia que não ocorreu ao velho Édipo. Devorá-la quer dizer torná-la parte integrante da tradição — um mito a mais, para encorpar a massa espessa de sonho e ilusão que nos forma; um mito anódino submetido ao fetichismo do culto inconsequente.

Assim, no bojo das amplas homenagens que vêm sendo prestadas a Pessoa, no cinquentenário da sua morte, gostaria de encerrar estes apontamentos com as palavras que Almada Negreiros proferiu, em 1965, a propósito de outro cinquentenário, o da publicação da revista *Orpheu*: “Homenagear não é senão conveniência do homenageante em determinado engendrado social. É afinal o homenageante que se homenageia ou se instrui tarde.”

ALBERTO CAEIRO: ASPECTOS DE INTERTEXTUALIDADE

Maria Helena Nery Garcez*

O tema que me cabe desenvolver, esta noite, está proposto como *Alberto Caeiro: Aspectos de Intertextualidade*, isto é, vamos contemplar um dos heterônimos de Fernando Pessoa sob um determinado ponto de vista: nas suas relações com alguns textos de poesia ou não, que o precederam, com a Tradição, portanto, e vamos contemplá-lo nas suas relações com os demais heterônimos e textos pessoais, o que também nos permitirá surpreendê-lo na sua singularidade e poderá levar-nos a rotulá-lo como poeta da Modernidade.

O heterônimo que me toca e que nos toca contemplar não é, de forma alguma, um heterônimo simples (algum deles o será?), mas é um heterônimo especial, ou, que ocupa um lugar especial no jogo da heteronímia.

Fernando Pessoa, algumas vezes, ao falar ou escrever acerca de seus heterônimos e de sua poesia, definiu-a como uma poesia dramática e, a ele próprio, como um poeta dramático. É na “Nota Preliminar” da 1.^a edição do volume *Obra Poética* da Editora Aguilar, organizado por Maria Aliete Galhoz, que encontramos uma de suas explicações — famosa — acerca do poeta dramático: aquele que é, ao mesmo tempo, “vários poetas, um poeta dramático escrevendo em poesia líria”. (1) Pede que suponhamos que Shakespeare, aquele que ele denomina nesta passagem como “um supremo despersonalizado” em vez de criar o personagem de Hamlet como parte de um drama, o criava como simples personagem sem drama. “Teria escrito”, continua ele, “um drama de uma só personagem, um monólogo prolongado e analítico.” (1)

Aceitemos o convite do poeta de Orpheu e coloquemo-nos na situação de vê-lo criar personagens sem drama, ou então, “o drama de uma só personagem, um monólogo prolongado e analítico.” Estaremos adentrando na oficina poética de Fernando Pessoa e acompanhando-o na sua tarefa criadora.

Mas, invoquemos aqui um outro texto do poeta de *Mensagem*, e que, num artigo da revista *Presença*, concretamente o de nº 17, de Dezembro de 1928, afirma acerca de suas personagens dramáticas que “forma cada uma uma espécie de drama; e todas elas juntas formam outro drama (. . .).” (2)

Pois bem: primeiro Pessoa nos convidava a imaginar Shakespeare criando Hamlet não como parte de um drama; neste outro texto ele nos esclarece que cada

* Professora adjunta de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo; autora, dentre outros trabalhos, de *O Romance Português Contemporâneo* e *Alberto Caeiro, “Descobridor da Natureza”?*

(1) Pessoa, Fernando — *Obra Poética*, 4.^a ed., Rio de Janeiro, José Aguilar Editora, 1972, p. 199.

(2) Pessoa, Fernando — *Presença*, Coimbra, nº 17, Dezembro, 1928, p. 10. (O grifo é meu).

uma de suas personagens dramáticas forma, de per si, um drama, e todas elas juntas, outro drama.

Ora bem. Cabe-nos, hoje, olhar para Alberto Caieiro, contemplá-lo. E podemos, então, olhá-lo como personagem desvinculado de um drama, mas também podemos olhá-lo, no complexo da obra pessoana, como personagem de um drama.

Esclareço, nesta altura, que contemplá-lo, principalmente enquanto personagem desvinculado de um drama — não totalmente, mas preferencialmente — já o fiz num extenso trabalho anterior, que constituiu minha tese de Livre-Docência e que foi publicado em livro, neste ano da graça de 1985, pelo Centro de Estudos Pessoaanos do Porto, sob o título de *Alberto Caieiro/“Descobridor da Natureza”?* Nesta obra, que não posso recapitular em sua totalidade aqui — seria chover no molhado — mas da qual tentarei fazer uma sümula de suas linhas principais, para que meu raciocínio possa ser acompanhado, procurei ver o heterônimo Alberto Caieiro, precisamente integrado na tradição dos poetas da Natureza e naquilo que ele trazia de novo a esta tradição, na sua modernidade.

Posteriormente, num artigo que deverá sair num dos próximos números da revista *Persona*, revista também publicada pelo Centro de Estudos Pessoaanos do Porto, prossegui aquela linha de reflexões, dando continuidade às minhas pesquisas sobre o heterônimo Caieiro e a tradição mais imediata que o precedia, a simbolista.

Como já anunciei, vou recapitular brevemente tais trabalhos, entremeando a recapitulação com conceitos novos, mas antes de fazê-lo, quero anunciar que, para esta noite, pretendo dar um passo à frente, e ver o heterônimo Alberto Caieiro não tanto no drama que ele forma de per si — porque estou quase convencida de que é impossível fazê-lo — mas quero vê-lo com as “outras personagens dramáticas”, as primeiras pelo menos, vendo que tipo de drama então se configura. É claro que não é a fácil desvendar esta espécie de “imbroglio” e que não pretendo desvendá-lo totalmente no pouco espaço de tempo de que disponho, mas pretendo lançar algumas linhas de reflexão — para mim mesma, em primeiro lugar, e para os que me ouvem — linhas que poderão completar-se também com um artigo sobre Álvaro de Campos e o ortônimo, que brevemente deverá sair publicado no Suplemento *Cultura* do jornal *O Estado de São Paulo*, muito possivelmente no dia 1/IX/85, segundo a última informação que obtive.

Embora deva retornar mais tarde a esta idéia e desenvolvê-la mais extensamente, anuncio desde já que o jogo dos heterônimos, que é proposto por Fernando Pessoa como um jogo dramático, um “drama em gente”, eu não o vejo apenas como tal, mas vejo-o também como um “drama iniciático”. Haveria alguma incompatibilidade entre estas duas visões? Nenhuma, no meu modo de conceber. É só o passo à frente que já havia mencionado um pouco antes. Vejo o jogo heteronímico como um jogo dramático e como um jogo iniciático, mas, para vê-lo como tal, sinto que se torna mais necessário não desvincular cada personagem do drama, e, pelo contrário, vê-las todas juntas formando “outro drama”.

Passemos agora à recapitulação das linhas mestras dos dois trabalhos já realizados acerca da persona Caieiro para depois procurar surpreendê-lo no jogo iniciático que forma com as demais personas. Volto a advertir que nesta recapitulação incluem-se, também, idéias novas. Não se trata de uma mera reprodução do já dito.

No livro *Alberto Caieiro/“Descobridor da Natureza”?* chamamos a atenção para o fato de que o “Guardador de Rebanhos” é apresentado como o Mestre e chamamos a atenção para a força da carga semântica contida na designação Mestre.

Alberto Caieiro é Mestre. E podemos legitimamente perguntar-nos: Mestre de quem? E penso que também podemos legitimamente responder, embora pareça, ou mesmo até seja, uma “lapalissade”: é Mestre de seus discípulos. E as interrogações legítimas se sucedem: quais discípulos? Quem são os seus discípulos?

Penso que a esta indagação há, ou pode haver, uma resposta óbvia: as demais personas criadas pelo poeta. Note-se que não quis dizer os heterônimos, porque poderia parecer que excluiria então, do rol dos discípulos, o próprio ortônimo. Mas, como não o excludo, por isso digo as personas, ou as máscaras, ou as personagens que ele nos exhibe na sua produção poética.

Alberto Caieiro é Mestre para um pequeno grupo que gravita em torno dele — e, por isso disse eu ao início que ele é um heterônimo especial, pois é um eixo — é Mestre no jogo dramático e no jogo iniciático.

Mas, nova indagação surge. Será Alberto Caieiro construído como Mestre apenas para aquelas poucas personas que formam o jogo dramático exibido na obra já publicada? Minha resposta — desde já a dou — é negativa. A maneira como as outras personagens pessoanas se referem ao Mestre Caieiro não o confinam apenas à missão de ser uma espécie de “guru” para uma elite de iniciados; o modo como o apresentam é como o de um grande Iluminado, que veio trazer uma “nova Revelação” (são palavras encontradas num dos textos do espólio), uma Salvação e Libertação para a Humanidade, ou, se quisermos, para a Sociedade ocidental. Em meu livro, reproduzo uma série de textos que comprovam estas afirmações, mas que, não é possível reproduzir agora. Limite-me a um, muito breve, que, no espólio de Fernando Pessoa vem assinado pelo heterônimo António Mora. Diz assim:

Acclamo

“Eu saúdo em Alberto Caieiro o regresso dos Deuses! Alegrae-vos vós todos, que choraes na decadência maior da História!

O Grande Pan renasceu! tornou a nascer!” (3)

(. . .)

Destas palavras depreende-se que António Mora, o heterônimo que escreve em prosa, considera a época em que e para a qual escreve, como a da maior decadência da História. E ele anuncia uma *boa nova* para os que, segundo ele, choram no início do século XX, uma mensagem de alegria, de salvação: “O Grande Pan renasceu! tornou a nascer!”. Reparem que são significativas as palavras: “renasceu” e o reforço, aparentemente desnecessário: “tornou a nascer!”. Quem renasce é porque já tinha nascido uma vez e morrido, quem torna a nascer é porque volta. E quem é esse que volta? O Grande Pan, que, na mitologia grega, personifica o Grande Todo, a Vida Universal.

António Mora não se está dirigindo apenas às demais máscaras do jogo pessoano, mas está abrindo infinitamente este jogo, de forma a nele incluir “todos os que gemem na decadência maior da História!” Ele está se dirigindo, poderíamos

(3) Espólio de Fernando Pessoa — Documento 121-99 — Envelope António Mora.

dizer, à Humanidade que geme, ou, se quisermos à parte da humanidade na qual ele se integra, a ocidental. Mas, de qualquer forma, a um vasto número de pessoas em que, na sua intenção, também nós, talvez, podemos estar incluídas.

Chamei a atenção, em meu livro, e chamo novamente agora, para a apóstrofe de ressonância evangélica: "Alegrai-vos (. . .). Não esqueçamos que Evangelho quer dizer "Boa Nova" e que o que Antônio Mora anuncia à Humanidade não é diverso de uma mensagem de espécie evangélica, de salvação, embora não seja a salvação evangélica, propriamente dita. Ele está anunciando o retorno, por que não dizer a *reencarnação* de Pan, ou de um ente que desempenha o mesmo papel de Pan, e este ente, no caso, denomina-se Alberto Caeiro.

No livro já citado, fiz ver com que insistência os heterônimos e o próprio Pessoa (se considerarmos os documentos não assinados por nenhum heterônimo como assumidos por ele mesmo) anunciam a morte do cristianismo, que Mora, ironicamente, denomina cristismo, a morte ou o desejo de que o cristianismo morra. Consideram o cristianismo um dos grandes males da sociedade ocidental e, "iluminados" pelo Mestre Caeiro, querem propor uma nova salvação frontalmente oposta à salvação oferecida pelo cristianismo.

Resumindo brevemente aquele trabalho, nele vi que Alberto Caeiro é criado como um poeta da Natureza e que, portanto, se insere dentro de uma tradição já existente de poetas vinculados à Natureza. Ora, um dos expoentes máximos do cristianismo e da poesia da Natureza foi São Francisco de Assis, que ao ditar as palavras do "Cântico do Sol" ou do "Cântico das Criaturas" criou um dos documentos mais representativos da visão cristã da Natureza em poesia.

A tese de Livre-Docência partiu justamente da intuição de que um dos poemas Caeiro estava construído em oposição frontal ao "Cântico do Sol", embora dele conservasse alguma estrutura de linguagem. Quer dizer, o nosso heterônimo fazia uma espécie de sutil paródia do "Cântico do Sol" — e não só deste texto — mas de toda uma linguagem místico-cristã e de uma maneira cristã de ver o mundo, construindo um "Cântico ao Sol" e não do Sol. A partir daí, mostrei toda uma mundividência do heterônimo pessoano que se apartava da mundividência cristã, que a negava, que polemizava com ela, que tentava, constantemente, pô-la em xeque. Mostrei, no entanto, também, que a figura de Francisco de Assis constituiu para o heterônimo Alberto Caeiro e para Fernando Pessoa uma espécie de obsessão e de desafio. O poeta de Orpheu, ocultamente pressentiu que a simplicidade que Francisco de Assis conseguiu na sua realidade existencial e na sua poesia, estava longe de ser conseguido no heterônimo que mais lutava por realizá-la, Alberto Caeiro.

Aliciante e entusiasmador foi o fato de ter conseguido encontrar nos documentos inéditos do espólio pessoano, que ainda se encontram na Biblioteca Nacional de Lisboa, afirmações do tipo desta, atribuída a Antônio Mora: "Caeiro é o S. Francisco de Assis do novo paganismo" (4), ou como esta, contida no envelope 14 B, intitulado *Apreciações Literárias* e não reivindicada por nenhum dos heterônimos: "(. . .)

— Whitman rarely has the tender emotion that is constant characteristic of

Caeiro. C. is an atheist St. Francis of Assis. Whitman can neither be called an atheist nor a S. Francisco de Assis.

(. . .)"(5)

E o que dizer então deste escrito de Álvaro de Campos, o 71A-40, em que, recordando-se do Mestre, e recapitulando sua evolução, a dada altura diz-nos: "(. . .) Começando como uma espécie de São Francisco de Assis sem fé, foi-se arrastando lentamente, aos rasgos nos obstáculos, através da brenha do que tinha aprendido — felizmente muito pouco. (. . .)", ou deste outro, encontrado no envelope 14 B, intitulado *Apreciações Literárias*, em que, no documento 14 B — 32, afirma acerca de Alberto Caeiro:

"(. . .)

O traço franciscano de alguns resultados métricos da sua sensibilidade. São Francisco foi o abominável fundador de uma seita abominável."

O que no meu livro analisei foi que, apresentando estruturas análogas às da poesia de S. Francisco de Assis e às da tradição bíblica, Alberto Caeiro invertia-as, parodiava-as, mas que isto revelava um diálogo com a tradição anterior, mesmo que fosse para negá-la. A poesia Alberto Caeiro apresentava-se-me e apresenta-se-me como prenhe de alusões a outros textos, de indagações e de respostas, isto é, apresenta-se-me como uma poeisa declarada (ou velada ?) mas sempre conscientemente intertextual.

Desde os versos em que afirma não acreditar em Deus, versos que podem passar despercebidos no poema (210), aquele que principia com a afirmação paradoxal: "Há metafísica bastante em não pensar em nada", e que dizem:

"Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, *Aqui estou!*"

Será que a um leitor atento da Literatura Portuguesa este verso final não leva a pensar no desfecho do conto "O Suave Milagre", de Eça de Queiroz, que finaliza precisamente assim:

"— Mãe, eu queria ver Jesus . . .

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

— *Aqui estou.*" (6)

Será que neste mesmo polémico texto (210), em que aparecem os seguintes versos:

"Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.

(5) Espólio FP — Documento 14 B — 6 a (continuação)

(6) Queiroz, Eça de — Contos. 11ª ed., Porto, Lello & Irmão, 1942, p. 331.

(4) Espólio de FP — Documento 121-16 (Verso) — Envelope Antônio Mora.

Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?"

Não há aí, um ostensivo e polêmico diálogo com os filósofos metafísicos e um mito menos ostensivo, muito oculto talvez, mas não menos real diálogo com o próprio Jesus Cristo (que figurou já acima) quando, no sermão conhecido como da Montanha, ensina:

"Não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, como vos vestireis. A vida não é mais do que o alimento e o corpo não é mais que as vestes? Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais que elas? Qual de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado à duração de sua vida? E por que vos inquietais com as vestes? Considerei como crescem os lírios do campo; não trabalham nem fiam. Entretanto, eu vos digo que o próprio Salomão, no auge de sua glória, não se vestiu como um deles. Se Deus veste assim a erva dos campos, que hoje cresce e amanhã será lançada ao fogo, quanto mais a vós, homens de pouca fé?" (7)

O não pensar demasiado de Jesus assume um outro valor no contexto da poesia Caetano. Não se trata mais de abandonar-se à Providência, mas de não pensar como os demais entes irracionais da Natureza e abandonar-se a Ela, Ela sim constituída em Divindade, uma Divindade que inconscientemente cumpre seu curso. Não se trata mais da crença em um Deus pessoal, como é o Deus do Antigo e do Novo Testamento, o Deus dos cristãos, mas, como o mesmo poema (210) propõe:

"Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e o sol e o luar,
Então acredito nele
(...)

Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
(...)

Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?)"

Não há aqui toda uma vigorosa contestação, não só da metafísica, mas da própria religião judaico-cristã, da religião de um Deus Pessoal, transcendente ao mundo e que é o Sumo Ser, a Suma Inteligência, logo, o Sumo Conhecimento?

(7) S. Mateus, VI, 25-30 e S. Lucas XII, 22-30.

Obs: Em algumas traduções bíblicas, encontramos a variante: "Qual é o homem, que por mais que pense, pode acrescentar um só côvado à duração de sua vida?"

Não é no Antigo Testamento que Deus faz contínuas revelações do que Ele é, demonstrando que Ele sabe perfeitamente qual é sua identidade — e que só Ele o sabe — chegando à culminância do texto do Êxodo III, 13 a 15, em que se lê o que Deus sabe e diz de si próprio:

"Moisés disse a Deus: Quando eu for para junto dos israelitas e lhes disser que o Deus de seus pais me enviou a eles, que lhes responderei se me perguntarem qual é o seu nome?" Deus respondeu a Moisés: "EU SOU AQUELE QUE SOU". E juntou: "Eis como responderás aos israelitas: (Aquele que se chama) EU SOU envia-me junto de vós. Deus disse ainda a Moisés: "Assim falarás aos israelitas: é JAVÉ, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó, que me envia junto de vós. Este é o meu nome para sempre, e é assim que me chamarão de geração em geração".

Enquanto Caetano se pergunta o que mais sabe de Deus que Deus de si próprio, o texto bíblico é bem eloquente. Deus aqui se apresenta como um Ser pessoal, que sabe perfeitamente quem é, e que se autodefine, embora não se desvende totalmente. Há algo de infável nesta auto-definição e que permanece tal, pois se Deus pudesse ser cabalmente compreendido numa definição abarcável pela inteligência humana, neste caso, a de Moisés e a dos israelitas, Ele já não seria o Transcendente, o Absolutamente Outro.

Mais três poemas à frente deste que estamos tratando, o (213), também vai ser um texto polêmico, um poema voltado para a Tradição, não poética, mas religiosa e cultural, o poema em que Alberto Caetano nos apresenta a sua interpretação de Jesus Cristo. Nele, vai posicionar-se também frente à Igreja Católica e a alguns de seus ensinamentos basilares, tais como o da Criação ex-nihilo, o da natureza de Deus Uno e Trino, o da Encarnação sobrenatural de Jesus Cristo, o do mistério da Paixão na Cruz, entre outros.

Como já desenvolvi extensamente estes problemas no livro sobre Caetano, limitar-me-ei a algumas observações apenas.

O poema (213) nos deixa ver que Alberto Caetano não rompe com a figura de Jesus Cristo, mas que, para aceitá-la, modifica-a substancialmente.

Para ele, Jesus Cristo não pode "fingir" de segunda pessoa da Trindade. O mistério da Trindade pertence à Revelação. Ora, o Mestre Caetano não aceita a Revelação judaico-cristã e, para aceitar a figura de Jesus Cristo, da qual parece não poder libertar-se ("Era nosso demais...") necessita absolutamente humanizá-lo.

Jesus Cristo, para Alberto Caetano, não pode ser a segunda pessoa da Sma. Trindade feito homem; ele tem de ser apenas humano. Ele não pode ter 2 naturezas: uma divina, outra humana. Alberto Caetano só o aceita no plano humano. Jesus Cristo tem de pertencer a este mundo, ele tem de humanizar-se e, o que é ainda mais, tem de ser aceito apenas enquanto Menino. Afinal, ele acaba sendo o Arquétipo da Infância, cuja única natureza e operação é lúdica: é brincar, é gozar a existência.

"Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.

Ele é o humano que é natural.

Ele é o divino que sorri e que brinca."

Este Menino Jesus, tão inofensivo, no entanto, polemiza com toda uma tra-

dição religiosa, com a própria Revelação judaico-cristã, quando Caieiro põe estas palavras em sua boca:

“Diz-me que Deus não percebe nada
Das coisas que criou –
“Se é que ele as criou, do que divido” –

Será inofensiva também a posição do “Menino Jesus de Caieiro” quando contradiz o finalismo da Criação?

“Ele diz, por exemplo, que os seres cantam a sua glória,
Mas os seres não cantam nada.
Se cantassem, seriam cantores.
Os seres existem e mais nada,
E por isso se chamam seres.”

Até agora, detivemo-nos no diálogo de Mestre Caieiro com a Tradição judaico-cristã (resumidamente, é claro). Agora, passemos ao diálogo que nele também existe com outra espécie de místicos, os místicos romântico-simbolistas, ou, mais simplesmente simbolista. Para tanto, escolhi um poeta português, com quem me parece que Caieiro intencionalmente dialoga, António Nobre. Acerca disto, já escrevi também um artigo, que está para ser publicado na revista *Persona*, possivelmente no nº 13.

Por já haver exposto naquele artigo os motivos que fundamentaram a escolha do poeta António Nobre para cotejá-lo com Fernando Pessoa e, mais especificamente, com Alberto Caieiro, dispenso-me agora de repetir toda aquela extensa argumentação. Os que se interessarem, terão acesso a ela, na publicação da revista. Limitar-me-ei a resumir algumas linhas básicas do que me parece ser um diálogo entre Alberto Caieiro e António Nobre.

Há um poema Caieiro, o (233) que principia de uma forma que se quer surpreendente (ou provocante) e que me parece conseguiu sê-lo:

“Li hoje quase duas páginas
Do livro dum poeta místico,
E ri como quem tem chorado muito.”

Se o poema não menciona explicitamente o simbolista António Nobre, também não nos corta a possibilidade de pensar naquele poeta, porque ele se enquadra perfeitamente no perfil do poeta místico que Alberto Caieiro logo após traça (e não só neste poema, mas em muitos outros):

“Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem
E dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.”

Ora, a evocação de tais atitudes dos poetas místicos (de que Nobre é um paradigma no simbolismo português) provoca a indignação de Alberto Caieiro e incita-o à polémica, que logo, nos versos seguintes, se desencadeia com vigor:

“Mas flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E as pedras tivessem alma (. . .)”

Citei apenas alguns versos para não me alongar demasiado neste ponto, mas o poema inteiro (e muitos outros) está construído para negar tais atitudes.

Curiosamente, no entanto, podemos dizer que Alberto Caieiro e António Nobre se aproximam num ponto: ambos estão de acordo em que o homem da modernidade necessita de um retorno à Natureza, de que ela é uma necessidade vital para o homem. Porém a aproximação parece-me terminar aí, pois a visão que cada um propõe da Natureza é frontalmente oposta. Nobre possui aquilo que Alberto Caieiro denomina uma visão “mística” da Natureza, uma visão subjetiva dela, que nela lhe faz ver aquilo que nela não está. No artigo que já mencionei, exemplifiquei amplamente esta questão. Reproduzo apenas alguns exemplos, em que o diálogo intertextual parece-me nítido e significativo.

Lembremo-nos dos versos com que António Nobre fecha seu poema “Da Influência da Lua”:

“(. . .) Lá vem a Lua, *gratiae plena*,
Do convento dos céus, a eterna freira!” (8)

Será que o heterônimo Alberto Caieiro, ao escrever os seguintes versos, no seu poema (229) de “O Guardador de Rebanhos”, não teria presente os ecos dos versos do poeta simbolista?

“Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas”

Seriam casuais estas alusões? Parece-me que não. Parece-me que Alberto Caieiro dirigia-se a António Nobre, mas não apenas a ele e sim a todos os que, como ele, viam a Natureza, contestando-os vigorosamente. Estes, segundo ele, ao conferirem aos entes da Natureza atributos que não lhes são próprios, fazem com que percam sua própria identidade; e é esta identidade que o Mestre Caieiro quer devolver-lhes, pois no mesmo citado poema, prossegue:

“Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.”

Não posso e não quero repetir todo o longo artigo que dediquei ao confronto e ao diálogo entre a poesia Nobre e a poesia Caieiro, mas seria interessante levantar alguns pontos de reflexão, para os que me ouvem: procurem comparar o papel do Vento (com maíuscula em Nobre) e o seu papel em Alberto Caieiro. Concretamente, sugiro o poema de Nobre “Carta a Manuel” e o poema (215) de “O Guardador de Rebanhos”. Para o confronto eu sugeriria que se meditasse na visão transitiva de Nobre e na visão intransitiva, imanente de Caieiro.

Se António Nobre pode ser chamado o poeta da evocação, aquele que faz surgir o que está ausente, aquele que presentifica o passado, Alberto Caieiro cons-

(8) Nobre, António – Sô. 16ª ed., Porto, Livraria Tavares Martins, 1974, p. 92.

titui seu pólo oposto. Enquanto Nobre é um visionário, nunca poderíamos dizer o mesmo do Mestre Caeiro, que, no entanto, afirma-nos, no poema (276):

“(. . .)

Sou fácil de definir.
Vi como um danado.”

São duas maneiras de ver completamente diferentes: a do simbolista, subjetiva, a do heterônimo pessoano, uma visão que se pretende absolutamente objetiva. Por isso, no mesmo poema, ainda diz:

“Amei as cousas sem sentimentalidade nenhuma.

(. . .)

Além disso, fui o único poeta da Natureza.”

É bastante grave esta designação que ele se dá a si próprio. É uma tomada de posição frente a toda uma tradição precedente de poetas da Natureza. Ele é o único porque vê a realidade imediata, esclarece-nos que nunca passa além da realidade imediata, porque é o poeta do “hic et nunc”, enquanto o simbolista, continuamente evoca a realidade que já não está mais presente, a realidade passada. Nobre é o poeta do “ubi sunt”, enquanto Caeiro é o do “hic et nunc”.

Outro ponto de reflexão que levanto, mas que não posso desenvolver aqui é o do modo como os dois universos poéticos concebem a Infância. (Aliás, caberia também, no momento em que tratei do diálogo entre Caeiro e a figura de Cristo, ver como ambos concebem diferentemente o tornar-se criança). Limite-me, apenas a dizer que para Nobre (ver o poema “Lusitânia no Bairro Latino I”) ela é evocada como um tempo e um espaço perdidos. É a época de plenitude, da perfeita integração com a Natureza, a idade de Ouro, ou do sonho.

Se dirigirmos nosso olhar para o universo Caeiro, veremos que a infância é muito mais vista como um *estado*, diverso daquele em que, atualmente, vive o homem. Caeiro não lamenta a infância pessoal perdida, não a evoca, mas mostra-a como um outro modo de conceber a vida, como um viver lúdico, que não se encontra num tempo irremediavelmente perdido, como o de Nobre, mas que pode ser recuperado, se o que o ouve segue o caminho de salvação, ou de libertação que ele propõe. No artigo já citado, digo que ele a trata de *modo presentâneo*; ela está ao alcance da mão. Ela nada mais é do que um estado diverso para o qual ainda é atualmente possível ao homem passar, mediante uma mudança interior.

Finda esta incusão nos aspectos intertextuais de Alberto Caeiro em relação à tradição, passemos agora a refletir, ou a olhar para Caeiro no jogo intertextual que ele monta com seus discípulos, jogo dramático e iniciático.

Para tanto, escolho partir de 2 poemas de “O Guardador de Rebanhos”, os de nº (206) e (214), isto é, o primeiro e o nono dos poemas desta primeira coletânea.

Reproduzirei o poema (206) não na sua íntegra, por ser mais longo, e, logo a seguir o (214), que por ser mais curto, poderá ser reproduzido na sua totalidade:

“Eu nunca guardei rebanhos,

Mas se os guardasse,

Minha alma é como um pastor,

Conhece o vento e o sol

E anda pela mão das Estações

A seguir e a olhar.

Toda a paz da Natureza sem gente

Vem sentar-se a meu lado:

(. . .)

Como um ruído de chocalhos

Para além da curva da estrada,

Os meus pensamentos são contentes.

Só tenho pena de saber que eles são contentes,

Porque, se o não soubesse,

Em vez de serem contentes e tristes,

Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva

Quando o vento cresce e parece que chove mais.

Não tenho ambições nem desejos

Ser poeta não é uma ambição minha

É a minha maneira de estar sozinho.

(. . .)

Quando me sento a escrever versos

Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,

Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,

Sinto um cajado nas mãos

E vejo um recorte de mim

No cimo dum outeiro,

Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas idéias,

Ou olhando para as minhas idéias e vendo o meu rebanho,

(. . .)

Saúdo todos os que me lerem,

Tirando-lhes o chapéu largo

Quando me vêem à minha porta

Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.

Saúdo-os e desejo-lhes sol,

E chuva, quando a chuva é precisa,

E que as suas casas tenham

Ao pé duma janela aberta

Uma cadeira predileta

Onde se sentem, lendo os meus versos.

E ao lerem os meus versos pensem

Que sou qualquer cousa natural –

Por exemplo, a árvore antiga

À sombra da qual quando crianças

Se sentavam com um baque, cansados de brincar,

E limpavam o suor da testa quente

Com a manga do bibe riscado.”

(214) “Sou um guardador de rebanhos.

O rebanho é os meus pensamentos

E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.”

O primeiro verso do poema (206), “Eu nunca guardei rebanhos”, já constitui uma surpresa se o referirmos ao título da coletânea, que imediatamente o precede. Constitui uma surpresa, mas, se nos detivermos um pouco nele, podemos aceitá-lo facilmente, pensando que o “eu-poético” não está usando a palavra rebanhos no seu sentido literal, embora abomine a metáfora.

Nunca guardou rebanhos no sentido literal e, no entanto, é um guardador de rebanhos. Pouco versos adiante diz-nos que sua alma “é como um pastor”. Refletindo sobre estas metáforas, podemos, de início, observar que ele prefere a perífrase “Guardador de rebanhos” à palavra “pastor”, embora também empregue a esta. Novamente, convindo à indagação: Por que? E arrisco minha resposta. Prefere “guardador de rebanhos” a “pastor”, porque “guardador” explicita uma das funções do pastor, que podem ser várias. O guardador, como o nome está dizendo, é aquele que toma conta, que vigia, conduz a disciplina o rebanho. Aliás, poucos versos adiante, ele dirá que sua alma é como “um pastor” que “anda pela mão das Estações/ a seguir e a olhar.”

Chamo a atenção para as duas operações que ele atribuiu à sua alma: “seguir” e “olhar”. Se vamos ao dicionário, encontramos que seguir pode ser: ir atrás de, acompanhar, acompanhar com a vista, observar, acompanhar atentamente. Reforça-se, portanto, o que está dito no título e no primeiro verso.

Uma pergunta, porém, se faz necessária (e penso que todos já a fizeram e talvez já a tenham respondido para si próprios). Se ele é um “guardador de rebanhos” e afirma que “nunca guardou rebanhos”, se não se refere ao sentido literal de rebanhos”, então o que é que este “guardador” guarda? Será um pouco mais adiante, no próprio poema (206) e, muito claramente depois, no (214), que ele nos elucidará:

(206) “Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas idéias,
Ou olhando para as minhas idéias e vendo o meu rebanho,”

(214) “Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.”

Explicitado está, portanto, pelos próprios textos de Alberto Caiero que seu rebanho são suas idéias ou seus pensamentos, que ele é alguém que guarda, isto é.

exerce vigilância, ordena, disciplina, segue atentamente seus próprios pensamentos. São estes que não podem extraviar-se, dispersar-se, como pode ocorrer com as ovelhas de um rebanho, cujo pastor seja displicente. O Mestre Caiero é, pois, um disciplinador do pensamento.

Não podemos, porém, parar aqui, porque os versos acima mencionados dizem mais. Se estabelecem a identidade entre rebanhos e pensamentos, estabelecem depois a identidade entre os pensamentos e as sensações, isto é, aquilo é percebido pelos sentidos, independentemente de uma elaboração pela potência reflexiva, racional.

Não se trata, portanto, de não haver pensamentos. Ele diz, no poema (206) que seus pensamentos são contentes. Mas trata-se de não saber que eles são contentes, porque ao saber isto, ao tomar consciência disto, os pensamentos já não são puramente contentes, e há uma tristeza que os empana. A consciência dos pensamentos, portanto, atrapalha, prejudica, no entender de Caiero, assim como a presença de gente vem perturbar a “paz da Natureza sem gente”.

“Pensar incomoda como andar à chuva”

Os pensamentos dele são todos sensações, é a solução que encontra no poema (214) e é isto o que lhe permite afirmar, nos versos finais do poema:

“Sei a verdade e sou feliz.”

Que não nos passe despercebida a expressão “sou feliz”, porque “ser feliz” é a ambição mais radical do homem e o problema magno de todos os sistemas que se arma, filosóficos ou religiosos: o que fazer para ser feliz?

Mestre Caiero começa a doutrinar que, para ser feliz, é preciso estabelecer uma guarda dos pensamentos e identificá-los às sensações. Começa a doutrinar também, no poema (206), quando, como quem não quer nada, vai-nos dizendo seu “modus vivendi”:

“Não tenho ambições nem desejos”

E agora, pergunto eu, voltando ao problema da intertextualidade e ao do jogo iniciático: será que, ao mostrar, paradigmaticamente, como é e como vive, não está o Mestre querendo ensinar seus discípulos-heterônimos, e a todos nós, discípulos-leitores? Será que Ricardo Reis, por exemplo, não terá sido um discípulo sensível a este conceito?

E a nós leitores, não se dirige declaradamente o Mestre Caiero, no final do poema (206), convidando-nos a pensar, quando lermos seus versos:

“Que sou qualquer coisa natural —
Por exemplo, a árvore antiga
(...) ?”

Que juízo Caiero deseje que os que o lerem formulem sobre ele? O que ele é? Quem é este “Guardador de Rebanhos”? Antecipando-se à nossa indagação, ou direcionando o nosso juízo, ele nos quer fazer crer que é “qualquer coisa natural —/ Por exemplo, a árvore antiga”. Parece-me complexo o termo de exemplificação por ele escolhido: a imagem da árvore com o epíteto de “antiga”. É uma imagem que está carregada de conotações dentro da história da humanidade, principalmente se pensarmos no epíteto. Será que não pode fazer-nos pensar nas árvores dos escritos

sagrados, que aparecem em diversas tradições culturais e religiosas? Não podemos pensar no *Gênesis*, na árvore da Vida ou na árvore da Ciência do Bem e do Mal?; não podemos pensar, igualmente, na árvore antiga diante da qual Buda meditou durante anos e diante da qual foi elaborando sua doutrina, árvore de que, segundo as tradições, restam alguns vestígios e que são venerados pelos seus discípulos?

Alberto Caeiro apresenta-se a seus discípulos que formam o jogo dramático e iniciático dos heterônimos e a seus leitores, portanto, como um Mestre, e um Mestre cujo principal ensinamento é a guarda dos pensamentos, a disciplina da função intelectual. Este é, para ele, o caminho que conduz a uma sabedoria.

Chega, agora, o momento de indagar: qual é, mais concretamente, mais especificamente, o conteúdo dessa sabedoria?

Responderia que é todo um conjunto de coisas, é uma mundividência, que Mestre Caeiro, aquele que, no documento 71 A-2, do envelope *Álvaro de Campos - Prosa*, aparece como o portador da "nova Revelação" parece que quer, fundamentalmente restaurar uma visão de mundo oriental, de raízes hindus, embora também imbricadas com o pensamento pitagórico, platônico e neoplatônico.

Poderíamos lembrar - e devemos lembrar - que a Revelação judaico-cristã também é de origem oriental, mas, este aspecto do pensamento oriental, que foi profundamente assimilado pelo Ocidente, Alberto Caeiro rejeita de maneira radical. Se ele se volta para a sabedoria oriental, não é para a da Revelação, custodiada pela Igreja, mas para a sabedoria dos livros religiosos hindus e para a tradição esotérica da interpretação bíblica cabalística.

Sabemos que Buda quer dizer "o Iluminado" e é de se notar como o conceito de iluminação, ou o de ver com evidência, está presente na doutrina do Mestre Caeiro, o "Grande Pan" que, no dizer de António Mora, renasceu, "tornou a nascer".

Voltemo-nos para o poema (252), que no espólio, no documento 14 B-25 do envelope *Apreciações Literárias* é apresentado por Pessoa como o "principal" de Caeiro. (9) Nele, o Mestre diz:

Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.
Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas idéias.

(9) É ainda citado no texto 71 A-31, da prosa inédita de Álvaro de Campos.

A Natureza é partes sem um todo.

Isto é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,

Acertei que devia ser a verdade

Que todos andam a achar e que não acham,

E que só eu, porque a não fui achar, achei."

Chama a atenção que o dia fosse "excessivamente nítido", isto é, um dia de luz, de iluminação muito especial, fazendo até pensar, por analogia, numa espécie de dia do Juízo Final, em que o homem já não trabalhará, mas verá desvendados todos os enigmas e saberá a Verdade. Pois nesse dia assim tão nítido, Caeiro foi iluminado, "viu claramente visto", tornou-se portador de uma revelação para os demais. Ora, o que viu ele?

Viu que não havia Natureza, que não havia um conjunto orgânico de todas as coisas, mas apenas coisas, entes, desvinculados. Viu que, à sua volta, tudo era atomizado.

No documento 14 B-25 das *Apreciações Literárias*, uma voz pessoana (qual?) diz:

"Quando Caeiro, no seu poema principal, exclama:

A Natureza sem um todo,

afirma uma idéia que é inteiramente estranha à nossa mentalidade, uma idéia que *nenhum de nós podia ter*. Podemos, é claro, compreendê-la; mas não podemos nunca compreender como alguém a teve.

Ora toda a obra de Caeiro é composta de idéias d'essas.

(. . .)"

Reconhece-se, neste documento, que a iluminação de Mestre Caeiro não é afirm de nossa mentalidade (e eu interpreto nossa mentalidade, como a mentalidade ocidental e, principalmente, como a mentalidade cristã que o Ocidente, em parte, assimilou). A iluminação de Mestre Caeiro vem-lhe de outras mentalidades diferentes da da nossa cultura, vem-lhe da mentalidade asiática, muito possivelmente embora, esta possa ter-se filtrado através de correntes esotéricas do pensamento grego e, assim, tenha chegado a ele.

Caeiro não possui o que Max Scheller denomina uma visão organológica do Universo, mas, sua visão é, principalmente, atomizada, fragmentária, não hierarquizada e panteísta.

Se, como já dissemos, Caeiro por ser tido como Mestre, deve possuir e transmitir uma sabedoria, veremos, ao percorrer sua poesia, que, fundamentalmente, ele quer apresentar-se como um puro "olhar" que apenas contempla o mundo mas que quer recusar-se a pensar acerca dele, a interpretá-lo.

É só abrimos "O Guardador de Rebanhos" e lermos seu segundo poema, o (207), aquele que principia com o conhecido e significativo verso: "O meu olhar é nítido como um girassol."

Neste poema, a aturas tantas, diz-se-nos:

"Creio no mundo como num malmequer,

Porque o vejo. Mas não penso nele

Porque pensar é não compreender. . .

O Mundo não se fez para pensarmos nele
(pensar é estar doente dos olhos)

Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo. . .”

Este Mestre que só admite a pura contemplação visual do Mundo e não a reflexão racional acerca dele, admite também não saber o que é a Natureza:
“(. . .)

Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,”

Olhar, contemplar, renunciando a saber o que as coisas são. Isto exige uma luta, uma ascese que é a que Alberto Caeiro, Mestre, pretende ensinar a seus iniciados. Desde a brutal afirmação de que “Há metafísica bastante em não pensar em nada,” lançada não “pour épater le bourgeois”, mas “pour épater” toda uma mentalidade ocidental, incluindo a dele mesmo, ele prega que é preciso vivenciar as coisas, perceber-las, gozá-las, mas não querer refletir sobre elas, porque refletir seria destruir o seu encanto.

É ainda no poema de que estamos tratando, o (210), que ele afirma:

“Mas abre os olhos e vê o sol,

E já não pode pensar em nada,

Porque a luz do sol *vale mais* que os pensamentos

De todos os filósofos e de todos os poetas.

A luz do sol não sabe o que faz

E por isso não erra e é comum e boa.” (10)

Repare-se que aqui estamos às voltas com um problema de valores, refletindo sobre o que *vale mais*. As coisas que compõem este “conjunto” a que chamamos “Natureza”, ou “Realidade”, ou “Mundo”, *valem mais*, para ele, do que os *pensamentos* de todos os filósofos e de todos os poetas. Por não ter consciência, “a luz do sol não sabe o que faz”, por isso ela “não erra e é comum e boa”.

Este Mestre, que no poema (212) mede sua grandeza da seguinte maneira:

“(. . .)

Porque eu sou do tamanho do que vejo

E não do tamanho da minha altura. . .”

no mesmo poema, informa-nos que sua casa é “. . . no cimo deste outeiro”. É significativo que ele não tenha escolhido como lugar de moradia o fundo de um vale, por exemplo, ou um lugar de alguma forma cercado. Escolheu um lugar elevado, que permite ver mais e melhor porque, para ele, o único que interessa é contemplar, olhar. E, ao fazê-lo, propõe a seus discípulos sentenças que parecem aforismos (algumas vezes poderíamos até denominá-las “mantras”), o que levou o próprio Pessoa a chamar Caeiro de “O poeta do ovo de Colombo.” (11)

Deste modo, num poema já anteriormente citado, o (229), afirma:

“O que nós vemos das cousas são as cousas.

Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?

Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos

Se ver e ouvir são ver e ouvir?

(10) O grifo é meu.

(11) Espólio FP – Apreciações Literárias, documento 14 B – 45.

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),

Isso exige um estudo profundo,

Uma aprendizagem de desaprender

(. . .)

O Iluminado, o “poeta do ovo de Colombo”, neste poema paradigmático de sua obra, ensina o que é saber ver, mas reconhece que o saber ver exige uma “aprendizagem de desaprender” que é profunda, exige uma ascética. Esta idéia de ascese estará apenas neste poema? Obviamente não e cito apenas como exemplos, os (251), (261) e (269).

No (251), fundamental, há, da parte do Mestre, a confissão de sua luta e de sua difícil ascese. Vale a pena reproduzir alguns destes versos, embora não o poema na sua totalidade:

“Deste modo ou daquele modo,

Conforme calha ou não calha,

Podendo às vezes dizer o que penso,

E outras vezes dizendo-o mal e com misturas,

Vou escrevendo os meus versos sem querer,

(. . .)

Procuo dizer o que sinto

Sem pensar em que o sinto.

(. . .)

Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.

O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado

Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuo despir-me do que aprendi,

Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,

E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,

Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,

Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,

Mas um animal humano que a Natureza produziu.

E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem,

Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.

E assim escrevo, ora bem, ora mal,

Ora acertando com o que quero dizer, ora errando,

Caindo aqui, levantando-me acolá,

Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.

Ainda assim, sou alguém.

Sou o Descobridor da Natureza.

Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.

Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele próprio.
(...)"

Descrivendo seu combate e suas derrotas, ainda assim Alberto Caeiro considera-se vencedor, denomina-se o "Descobridor da Natureza" e o "Argonauta das sensações verdadeiras". Descobridor dessa Natureza que, curiosamente, ele próprio dirá, no poema seguinte o (252) que não existe, que é uma "doença das nossas idéias".

Qual o conceito de maior peso dentre aqueles que constituem o conteúdo da iluminação do Mestre Alberto Caeiro?

Parece-me ser o que está expresso no poema (231), no (232) e em inúmeros outros.

(232) "Mas as cousas não têm nome nem personalidade:
Existem, (...)"

(237) "É essa a única missão no Mundo,
Essa — existir claramente,
E saber fazê-lo sem pensar nisso."

Não haverá um eco disto tudo, de toda esta problemática do existir sem pensar na lírica do ortônimo, discípulo também do Mestre?

Cada heterônimo das *Ficções do Interlúdio* e o ortônimo, discípulos do Mestre, assimilarão alguns dos conceitos do Grande Pan que reencarnou e desenvolve-las-ão, chegando a resultados bastante pessoais e diversos daquele a que chegou o Mestre.

No artigo que deverá sair no Suplemento *Cultura*, talvez do dia 1/IX/85, desenvolvo o que penso do caminho ascético e místico do ortônimo e de Álvaro de Campos, principalmente. Quanto a Ricardo Reis, aponte já, no decurso desta conferência que ele tenta aproveitar da iniciação oferecida pelo Mestre para combiná-la com o pensamento pagão grego, notadamente com o epicurismo, com o estoicismo e com a linha que deveria ir desembocar na apatheia. Consegue-o? Este, no entanto, não é o tema que me compete. Compete-me apenas mostrar que o Mestre é ouvido pelos seus discípulos, e que, ortônimo e heterônimos partem na sua aventura ascético-mística iniciática e que alcançam resultados muito diferentes daqueles propostos pelo Mestre.

Quanto a este, ainda deveríamos apontar seu orientalismo quando, ao contemplar sua própria morte vindoura, diz no poema (253):

"Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.

Murcha a flor e o seu pó dura sempre.

Corre o rio e entra no mar e a sua água é sempre a que foi sua.

Passo e fico, como o Universo."

Polemizando ainda com a visão religiosa cristã, não vê a alma como substância separada, de natureza espiritual e que, por isso, pode subsistir, embora incompleta, na ausência de um corpo, da matéria de que ela é a forma. Para o panteísta Caeiro, a alma se confunde com o universo material, e, por isso, está sujeita ao ciclo das reencarnações, da qual só se livra pela gnose, isto é, pelo conhecimento da identidade de seu ser com o ser divino.

Poderíamos ainda ficar tratando de outros aspectos da poesia Alberto Caeiro, mas, evidentemente, não é possível.

Finalizemos esta incursão no jogo heteronímico, dramático e iniciático, construído por Fernando Pessoa, propondo que este, ao criar o Mestre Alberto Caeiro e sua poesia, pretende opor duas grandes visões religiosas do mundo: a visão hinduísta e a visão cristã. Alguém poderia acrescentar: a tradição oriental à ocidental. Mas, neste caso, eu perguntaria: a visão religiosa judaico-cristã também não é de origem oriental? É bem verdade que foi assimilada *também* pelo Ocidente, onde encontrou sua sede e de onde se irradiou para os quatro cantos do mundo. Mas também o pensamento oriental hinduísta se ocidentalizou nos primórdios da cultura grega, com os órficos, os pitagóricos, os platônicos e os neo-platônicos, que mais tarde reviveram no Renascimento.

Mestre Caeiro opta, decididamente, por uma destas visões religiosas do mundo que, no jogo heteronímico e na prosa deixada por Pessoa é inúmeras vezes, rotulada de visão pagã do mundo. Alberto Caeiro, o Mestre que tenta iniciar seus discípulos e iniciar-nos no caminho esotérico das visões religiosas hindus, acaba intitulado-se "o único poeta da Natureza" e o "Descobridor da Natureza". Termino esta conferência convidando a platéia a uma reflexão, a uma nova reflexão acerca das duas mundividências que são postas em confronto na poesia Caeiro: a mundividência judaico-cristã oriental e ocidental e a mundividência oriental e ocidental hinduísta, budista e pagã.

Termino com este convite e com a indagação com que intitulei e finalizei meu livro; Alberto Caeiro auto-denomina-se "o Descobridor da Natureza". Será verdadeiramente que Alberto Caeiro é o "Descobridor da Natureza"?